

## **Publicidade e Propaganda: Reinvenções do Poético na Cultura do Consumo<sup>1</sup>**

Goiamérico Felício C. dos Santos<sup>2</sup>

### **Resumo:**

A sociedade contemporânea enseja uma cultura intensamente participativa sob a égide do consumo. Esse *modus vivendi* impõe um alucinado fluxo à vida cotidiana sob o império dos valores efêmeros e provisórios. Assim, são construídas as mitologias pessoais a partir dos imperativos informacionais, tecnológicos e consumistas. Nesse panorama, cada qual vai tecendo suas micro-narrativas em que as sensações, os saberes e as linguagens, em intenso fluxo, compõem uma grande teia narrativa sob o signo de um transitórias simbolizações. Há que se levar em conta uma operação perpetrada por uma inteligência coletiva: os homens com seus valores, suas linguagens, os seus símbolos constituem um compósito de sujeitos ávidos pelo consumo. Para isso, acabam por se deixam enredar pelos jogos de linguagem que, visando obter efeitos persuasivos, promovem a reinvenção do poético.

### **Palavras-chave:**

Cultura da convergência; Tecnologias; Sociedade do consumo; Simbolismo

A sociedade das mídias em que nos vemos enredados, assim se constituiu por ser esse um tempo em que as novas formas de pensar e de inserção social impõem, novos valores, novos desafios. Tal realidade se consagra como um verdadeiro anátema pelo fato de que, as relações afetivas, sociais e profissionais entraram no ritmo da velocidade. Por ser informacional, a sociedade em que as relações, os saberes e as necessidades encontram-se entrelaçadas, numa rede globalizante e em constante transformação. As novas formas de aprendizado, as novas percepções, os novos saberes, as novas ocupações são ditadas pelos

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Publicidade e Propaganda, XIV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Professor Associado – III da UFG-Universidade Federal de Goiás; integra o curso de Publicidade e Propaganda e os PPG's de Comunicação (UFG) e Direitos Humanos (UFG).

dispositivos tecnológicos. Dessa forma um novo panorama se instala impregnado pelas tecnificações avançadas:

Escrita, leitura, visão, audição, criação, aprendizagem são capturados por uma informática cada vez mais avançada. Não se pode mais conceber a pesquisa científica sem uma aparelhagem complexa que redistribui as antigas divisões entre experiência e teoria. Emerge, neste final do século XX, um *conhecimento por simulação* que os epistemologistas ainda não inventariaram (LÉVY, 1993, p. 07).

Não obstante vir suscitando debates em cada recanto do mundo ocidental, a questão da vida sob coerção das técnicas em todos os aspectos, as especulações filosóficas e sociológicas mal tangenciam a problemática. Poderíamos atribuir a esse distanciamento a discrepância que outrora se verificava entre um tempo que nem vai tão longe – lembremos que foi somente a partir da década de setenta do século findado que a sociedade passou a ser mais fortemente tangida pelas inovações técnicas e pelas intensificações tecnológicas—, quando as mutações eram lentas, não causando abalos capazes de tão rapidamente provocar desestabilizações no *modus vivendi*, sendo também tampouco, notadas as reações adversas.

Encontra-se hoje ultrapassada a aposta em que os espíritos da era da modernidade imprimiram na crença de que o progresso que propiciaria um bálsamo para todos os males da terra. Na era das mídias, as percepções, os valores e as crenças são constantemente abaladas de seus alicerces. O processo de informatização está disseminado em todos os âmbitos da vida regulada pela técnica. Esse domínio técnico, contudo, se faz à revelia da vontade e das ações de uma coletividade ativa.

Predominam as decisões tomadas por seletos grupos que fazem da era da técnica um rentável negócio. Certamente, essa perspectiva do lucro é que mantém o progresso o avanço das tecnologias da inteligência. Portanto, como postula Pierre Lévy: “Alguém talvez objete que a evolução da informática não é mito adequada a qualquer tipo de debate democrático ou decisões “políticas”.

Parece-nos, entretanto que a informatização das empresas, a criação da rede telemática ou a “introdução” dos computadores nas escolas podem muito bem prestar-se a debates de orientação, dar margem a múltiplos conflitos e negociações onde a técnica, políticas e projetos culturais misturam-se de forma inextricável (LÉVY, 1993, p. 08).

O que Pierre Lévy ressalta em sua abordagem acerca da natureza e das perspectivas que o presente vislumbra para as novas facetas do pensamento sob o influxo das tecnologias da inteligência não é tão simples como parece. Isso porque não devemos nos ater precipitadamente à informática numa perspectiva generalizada em que a sua essência está

vinculada à simples presença de computadores, máquinas programadas para cumprirem as tarefas a partir das operações matemáticas, do O-1-0-1.

Devemos estar conscientes de que o campo que se abre no horizonte das tecnologias da inteligência é conflituoso. Nada está determinado, nada pode ser perspectivado num telos naturalizado consabido. “As estratégias vitoriosas passam pelos mínimos detalhes ‘técnicos’, dos quais nenhum pode ser desprezado, e que são todos inseparavelmente políticos e culturais, ao mesmo tempo que são técnicos...” (LÉVY, 1993, p. 09).

Considera-se nessa cultura em que vicejam as tecnologias da inteligência a necessidade de se pensar no ensejo de uma democracia no império da técnica, a tecnodemocracia, não dissociada da política. Temos que considerar assim que um todo deve ser colocado em perspectiva. Pensar a questão da técnica fora das questões da política indicia um desvio de percepção da realidade que presentificamos. Os mínimos detalhes e as permeabilizações da técnica e da política impõem contínuas ações que transmutam os ambientes e os valores agora em permanente estado de instabilidade.

Assim, as micropolíticas são adotadas no lugar das macropolíticas até então vigentes. A política e o conhecimento ganham agora novas premissas, muito distanciadas daquelas que imprimiram o ritmo da vida e os padrões de existência num contínuo linear e teleológico. Dessa forma, a modernidade novamente apresenta sua face transgressora, apta a romper as fronteiras do conhecimento e dos valores para colocar tudo nos pés do chão.

O que está acontecendo hoje é, por assim dizer, uma redistribuição e relocação dos “poderes do derretimento” da modernidade. Primeiro eles afetaram as instituições existentes, as molduras que circunscreviam o domínio das ações-escolha possíveis como estamentos hereditários com sua alocação por atribuição, sem chance de apelação (BAUMAN, 2001, p. 13).

Nessa mudança de perspectiva as tecnologias da inteligência configuram novas constelações de saberes nada estabilizados, sempre provisórios e postos em xeque. Passamos da fase gutenberguiana, em que a imposição da escrita linear que propiciou as extensões do homem no tempo e no espaço e que possibilitou novos poderes. Poderes para colocar em extensão a capacidade de agir fragmentariamente para impor idéias e valores sem que a eles se imprimisse possibilidade de reação num tempo suficientemente hábil.

Não por acaso, Marshall MacLuhan provocou espécie ao apontar o declínio da Era Mecânica na qual as ações empreendidas não acarretavam maiores consequências. Tais imobilizações se davam exatamente por ser essa uma era da lentidão: “Hoje, ação e reação

ocorrem quase que ao mesmo tempo. Vivemos como que miticamente e integralmente, mas continuamos a pensar dentro dos velhos padrões da idade pré-elétrica e do espaço e tempo fracionados” (MACLUHAN, 1979, p. 18).

Assim MacLuhan, arauto da aldeia global, provoca a nossa percepção de que estamos numa fase em que a eletricidade imprime novos ritmos, novas instâncias de participação e de deveres, pois novos são os desafios que se interpõem no cotidiano:

Esta é a a Idade da Angústia, por força da implosão elétrica, que obriga ao compromisso e à participação, independentemente de qualquer “ponto de vista”. Por nobre que seja, o caráter parcial e especializado do ponto de vista não tem maior utilidade na idade da eletricidade. Ao nível da informação, o mesmo abalo ocorreu com a substituição do simples ponto de vista pela *imagem inclusiva* (MACLUHAN, 1979, p. 19).

Nesse sentido, a cultura contemporânea não pode ser submetida a qualquer avaliação, juízo de valor, sem que seja levada em consideração as influências que exercem os dispositivos eletrônicos e digitais. Mas as inferências sobre o choque provocado pela televisão e pela rede informática sobre a cena cultural contemporânea tampouco pode ser levada a efeitos positivos se cairmos na armadilha de separar o homem da técnica. Há que se levar em conta uma operação perpretada por uma inteligência coletiva: os homens com seus valores, suas linguagens, os seus símbolos constituem um todo não sujeitos a serem decompostos, separados.

Portanto, devemos entender que “Não há nenhuma distinção real bem definida entre o homem e a técnica, nem entre a vida e a ciência, ou entre o símbolo e a operação eficaz ou a *poiésis* e o arrazoado” (LÉVY, 1993, p. 14). Todo esse compósito que promove a performance da cultura contemporânea imprimindo uma concepção de sociedade miditizada, onde as interfaces com os dispositivos tecnológicos colocam em rede intergaláctica os seres desterritorializados, impondo a todos uma só condenação: devemos todos, permanentemente, ficarmos em estreita e intensiva conexão, por meio da multimídia interativa. Isso porque a informática faz parte do tecido das nossas vidas.

Portanto, Nicholas Negroponte considera que a onipresença dos dispositivos tecnológicos cada vez mais acarretará substanciais transformações em nossas vidas. A nossa percepção acerca do tempo entrará em outras dimensões. O espaço rugoso da vida experienciada *off line* cederá lugar para a noção do espaço liso da internet. Nesse diapasão, insidiosamente, a informática não mais estará presentificada tão ostensivamente apenas através da máquina (*hardware*).

Cada vez menor, graças aos avanços da nanotecnologia, o computador se insere nos menores espaços alargando sua presença. No lugar da máquina, agora somos induzidos por uma operação maquínica, com nossas vidas dependentes do seu funcionamento e do sistema que a tudo interliga. A informática, decisivamente, faz parte do cotidiano das pessoas, em seus valores, em suas vidas profissionais, sociais e afetivas a tudo transformando indelevelmente. Dessa forma, as profecias do Oráculo da vida digital, Nicholas Negroponte, foram sendo confirmadas. Todas as suas previsões foram sendo confirmadas e até mesmo atropeladas pelos devires da sociedade tecnológica:

À medida que formos nos interconectando, muitos dos valores nacionais cederão lugar àqueles de comunidades eletrônicas maiores ou menores. Nós nos socializaremos em bairros digitais, nos quais o espaço físico será irrelevante e o tempo desempenhará um papel diferentes [...]. O ato de ler um livro sobre a Patagônia em menos de um segundo poderá incluir a experiência sensorial de lá estar de fato. Um livro de William Buckley poderá ser uma conversa com o autor (NEGROPONTE, 1995, p. 12).

Nessas novas possibilidades de experiência sensorial, não estaríamos face a uma nova reencenação da resistência experimentada pelos poetas românticos. Esses poetas-profetas emprenderam uma reação ao espírito cientificista que impunha a separação entre o homem e a natureza, estando esta à parte da vida.

Assim, uma verdadeira revolução filosófica foi levada a efeito pelos românticos em resposta à ciência do século XVIII. Para os idealistas românticos, somente devia prevalecer a vida intensificada pelas sensações que deviam presidir as suas inações. Imperioso se fazia dar vazão à capacidade de imaginar, sentir, sonhar do homem. O que daria sentido às suas existências deveria estar na ordem do imaginal. Para o espírito científico de então, o homem estaria à parte de um Universo mecanicista, estando alheio a tudo o que se-lhe apresentasse.

Em suas recalcitrantes reações, os poetas românticos consideravam que o mundo deve ser considerado – e principalmente sentido! – como um todo orgânico, estando o homem a ele indissolivelmente integrado. Todo o Universo é vivo, tudo nele fazendo sentido. Assim, o homem e tudo o que ele sente estaria num perpétuo relacionamento intrínseco.

Mas verifica-se, nos meados do século XIX, novos e substanciais progressos das ciências, principalmente no campo da biologia. As premissas do Naturalismo contra-atacaram. O homem, elevado pelo românticos à estatura do herói trágico, foi novamente apequenado pela Teoria da Evolução. A natureza, o ambiente, *a priori*, determinavam o ser e

o destino do homem rebaixados a uma pequenina e insignificante existência biológica à mercê das forças deterministas da mãe-natureza.

Esse movimento provocou novamente reação agora ainda mais forte, naquilo que ficou cristalizado como Movimento Simbolista. Esse fruir poético devolveu a lírica ao seu estado privilegiado que é se apresentar como um enigma musical. O privilégio dado ao poeta seria recolocar a música como essência do poético. Também se esmeravam eles em provocar a fusão entre o imaginário e o real, entre as sensações e a fantasia com o real vivido.

Era tendência do simbolismo – aquela segunda oscilação do pêndulo para longe de uma visão mecanicista da Natureza e de um concepção social do homem – fazer da poesia uma questão de sensações e emoções do indivíduo, mais ainda do que fora o caso do Romantismo: na verdade, o Simbolismo acabou, algumas vezes, fazendo da poesia assunto privado do poeta (WILSON, 1993, p. 21).

Verifica-se nesse êxtase criativo que cada sensação, cada expressão do sentir seria singularmente única. Cada poeta viveria sua experiência inaugural do instante e a suas sensações, que na linguagem comum seria impossível de serem representadas. Assim, caberia ao poeta o poder extremado de invenção imaginativa, construindo ele a sua linguagem própria, sob o signo dos transitórios símbolos.

Entendemos, portanto, com Pierre Lévy que absurdamente incongruente seria efetuar a separação entre o homem e a técnica. Afinal, na era tecnológica vivemos sob a orquestração da cultura da convergência. Nessa concepção, tudo entra em profusa relação, nada pode ser compartimentalizado: os valores, as linguagens, os objetos e suas simbolizações, tudo se funde. Com efeito, hoje as interações constituem uma pregnância nos laços afetivos, sociais e profissionais.

Todo esse amálgama perfaz a cultura contemporânea, por essência midiaticizada, cada dia sendo mais demarcada por uma intensa interatividade propiciada pelos laços das interfaces.

Bem cedo, no início da década de 1960, a pesquisa da interface homem-computador dividiu-se em duas correntes que não voltariam a se unir ao longo de vinte anos. Uma delas dedicou-se à inatividade; a outra dirigiu seu foco para a riqueza sensorial (NEGROPONTE, 1995, P. 95).

Mas seria a interface apenas aquilo que o entendimento mais ligeiro e comum se agarraria, qual seja, a interação entre o homem e o computador possibilitando uma relação amigável, sem grandes conflitos nos usos mais elementares? Conforme Steven Johnson, a

relação que rege a interface está na ordem da semântica, colocando em relação o significado e a expressão. E mais: os computadores pensam linguagem metafórica, para nós muito incompreensível: zero: desligado; um: ligado, quando ativados por pulsos elétricos. Através de uma belíssima metáfora, assim define Johnson os computadores digitais: “máquinas literárias” (JOHNSON, 2001, p. 17).

Dessa forma, um computador seria mais que um dispositivo com gigantesca capacidade de proceder a cálculos numéricos. Assim, ele se configuraria como um sistema simbólico. Uma máquina que extrapola as funções indiciais de entrar em ação com as causas e os efeitos em sucessão. O computador seria uma máquina de auto-representação e que também representa simbolicamente o mundo, quando em interação com o homem, estando este na programação e no comando (JOHNSON, 2001, p. 17).

No âmbito dos avanços propiciados pela cultura da interface, parece que uma terceira revolução se configura para fazer face às mais novas tentativas do espírito rigorosamente científico. A capacidade de se representar sensorialmente recebeu novos investimentos na medida em que a cultura da interface se intensificou. Os dispositivos midiáticos, a partir da década de 80, promove a inserção de uma sociedade pós-massiva. Os meios de comunicação digitais estimulam a capacidade sensória dos usuários potencializando as suas percepções do mundo. Novamente entram em cena, com nova força, a capacidade imaginativa que enseja a reconfiguração das existências com uma multiplicidade de identidades em cadeias desejantes. O imaginário coletivo performatiza uma inteligência em rede capaz de driblar os sistemas de força que dominam economicamente o mundo.

Assim, consideramos ser necessário novos olhares sobre a cultura midiaticizada. A natureza líquida que perfaz uma modernidade em que os espaços de fluxos tornam às vezes o estado virtual tão ou mais significativo que o próprio real. Agora sob suspeição de que não passa de uma construção, a realidade, o mundo especular que nos oferta a televisão e os dispositivos de comunicação digital, propiciam a reimaginação do presente que, no estágio em que se encontra a nossa modernidade, tem por natureza se negar. Portanto, há que se buscar nossas bases epistemológicas que levem em conta as interações, as instabilidades, o estado líquido da vida moderna, dos afetos provisórios, das desterritorializações dos indivíduos multiplicados em muitos “Eus”.

Melhor seria nos arriscarmos em novas propostas teóricas que sejam minimamente capazes de propiciar uma satisfatória problematização da insurgência dessas novas

realidades. Afinal, tais paradigmas se impõem como verdadeiros enigmas. Como entender essas ressignificações da existência cada vez mais fluidas, nômades e abertas a novas experiências estéticas?

Os empreendimentos nessas searas da racionalidade extremada, que ainda hoje são praticadas nos âmbitos das ciências sociais e da comunicação para abordagens dos fenômenos da vida hodierna, talvez estejam embalados numa imperdoável incompreensão acerca de um inexistente contencioso entre as forças míticas representadas pelo par Apolo e Dioniso. Foi justamente nesse grandioso gesto de Friedrich Nietzsche, ao enunciar-nos o caráter singular da estética de sua contemporaneidade.

Em seu seminal escrito de homenagem ao amigo Richard Wagner, *A origem da tragédia na música* (NIETZSCHE, Friedrich. S/D). o filósofo empreende a ruptura com o pessimismo através do qual o seu mestre Schopenhauer, ao lado de Kant, firmou toda uma tendência do pensamento alemão. Em seu desvio do princípio de individuação como vontade em oposição ao mundo como representação, Nietzsche entendeu que, a liberdade auferida faz com que o homem cultive a extremada angústia que enseja, provoca, o desespero.

Dessa maneira, em seu desvio, Nietzsche propõe uma alternativa inserida em novas configurações estéticas: “a evolução progressiva da arte resulta do duplo caráter de *espírito apolíneo* e do *espírito dionisíaco*, tal como a dualidade dos sexos gera a vida no meio de lutas que são perpétuas e por aproximações que são periódicas” (NIETZSCHE, Friedrich. S/D, p. 35). Assim, Nietzsche considera que os dois instintos agem impulsivamente, ao mesmo tempo em que estão em guerra, estão continuamente juntos, numa relação interdependente.

Será justamente nessa relação fratricida de extremadas forças em guerra que o equilíbrio se enseja propiciando novas criações, filhas das vontades de potência que constituem as essências do espírito apolíneo e dionisíaco. Compreende-se que o espírito artístico é comum às duas forças que se antagonizam e que, “devido a um milagre metafísico da ‘vontade helênica’, os dois instintos se encontrem e se abracem para, num amplexo, gerarem a obra superior que será ao mesmo tempo apolínea e dionisíaca – a tragédia ática” (NIETZSCHE, Friedrich. S/D, p. 35).

Isso por que também compreendera Nietzsche que a vida é uma combate permanente. Um combate deflagrado no mundo visível, mensurável, e também no mundo invisível. Afinal, a luta aguerrida pela sobrevivência está presentificada na natureza onde somente sobrevivem os mais fortes, aqueles mais capazes de resistir aos sortilégios, aos duros

combates. Assim, o conflito estaria disseminado por toda parte no interior do homem, no seu corpo multiplicado em órgãos, espaço privilegiado para uma arena em que os combates são permanentes, sem trégua, sem contemplação, pois uma vida depende da morte de outrem. Assim, o princípio da agonística regendo a vida a partir das suas mais ínfimas presentificações.

Essas proposições de Nietzsche acerca da estética do século XIX, ao mesmo tempo em que inauguram uma nova visada na filosofia do trágico, mostram-se capazes de nos ajudar a apreender as forças culturais da nossa contemporaneidade. Mais do que nunca, impõe-se a necessidade de colocarmos em nossas perspetivações que o extremado racionalismo se desgastou. Devemos entender que, sob o primado da razão totalitária estaremos diante um incômodo óbice para o nosso entendimento dos novos paradigmas que regulam hoje as nossas vidas. Faz-se necessário, portanto, reconhecer que há uma razão abstrata com a qual podemos (e devemos!) contar.

Isso posto, será preciso entender que devemos saber, sibilinamente, jogar o jogo com Apolo e Dioniso. Saber conciliar as forças do sensível e do inteligível, ambas forças tanto destrutivas quanto criadoras, mas que podem ser jogadas em nosso favor, desde que articuladas em judicioso equilíbrio. Essas duas forças míticas, ainda hoje e mais do que nunca, ainda que nem suspeitemos, tem o condão de influir em nossos destinos. Nesse sentido, torna-se necessário ficarmos atentos às transformações epistemológicas que a nossa modernidade comporta.

Precisemos desde já, que tal desvio epistemológico não deve ser considerado um jogo acadêmico. Está carregado de conseqüências para a compreensão em profundidade, dessa vida nova de aspectos matizados e efervescentes que vêm de todo lado chocar com nossos espíritos e sentidos. É preciso compreender que o racionalismo, em sua pretensão científica, é particularmente inapto para perceber, ainda mais apreender, o aspecto denso, imagético, simbólico, da experiência vivida (MAFFESOLI, 2008, p. 27).

Cada tempo impõe seus valores, seus termos de desafios às nossas experiências. Vivemos sob o primado da cultura midiática, com novos enlaces, novos compromissos, novas perspectivas, novos desafios. Isso exige de nós um plausível entendimento acerca do espírito do nosso tempo. Os tempos midiáticos. Isso posto, temos que admitir que vivemos tempos em que a destotalização, a destemporalização e a desreferencialização demarcam o ritmo das nossas vidas. Assim, a modernidade continua a desempenhar o seu papel, o seu

destino, qual seja, o de quebrar os próprios paradigmas nos quais se sustenta ainda que temporariamente, como rege o espírito do nosso tempo.

É consabido hoje que, sob as mais diferentes tentativas de narratizações, cada qual a seu modo, cada habitante da galáxia da internet vai construindo uma mitologia pessoal a partir do imperativo do consumo. Tecendo suas redes sociais, esse processo coletivo se instaura sob o signo das intensidades. Na ribalta das nossas existências, somos brindados com a reinstauração do Simbolismo sob a pregnância de uma ambiência tecno-digital, que, à força das discursividades, mediatiza as instituições, as socialidades e as afetividades. Nesse panorama, cada qual vai tecendo suas micro-narrativas em que as sensações, os saberes e as linguagens, em intenso fluxo, compõem uma grande teia narrativa sob o signo de um transitório simbologismo.

Faz-se necessário, portanto, levar adiante o empreendimento de esboçar novas estratégias discursivas. Sabemos que infindas são as possibilidades interacionais que a comunicação tecno-digital possibilita. Mas, nesse jogo, cada jogador deve ter habilidade para colocar como cacife na aposta a sua capacidade de apreender o mundo e também a sua capacidade para jogar o jogo da linguagem. É consabido que hoje já não se obtém suficiente resultado satisfatório apenas dotado de capacidade para expressar e interpretar conteúdos.

Há que saber deslindar na teia discursiva as tramas formais também as colocando em diálogo com as sensibilidades dos que entram no jogo discursivo. Há que saber onde se posiciona o sujeito do discurso, que lugar ocupa ele na cadeia discursiva, com que estratégias interpretativas devo me colocar no jogo? Ou seja, não mais podemos nos contentar com a cômoda posição de receptores passivos dos discursos. Será necessário assumir uma atitude mais que contemplativa, de encantamento ante as palavras, as imagens sedutoras.

Em termos mais práticos, a questão pode ser resumida assim: Quem é, para mim, este outro com quem eu falo e vice-versa? Esta é a situação enunciativa, da qual não dão conta por inteiro a racionalidade linguística, nem as muitas lógicas argumentativas da comunicação. Aqui têm lugar o que nos permitimos designar como estratégias sensíveis, para nos referirmos aos jogos de vinculação dos atos discursivos às realizações de localização e afetação dos sujeitos no interior da linguagem (SODRÉ, 2006, p. 10).

Nessas estratégias, as instâncias dos valores do Simbolismo tendem a se afirmarem na medida em que as interfaces discursivas potencializam as sensorialidades do homem. A comunicação se vale de uma linguagem para a qual ocorrem variedades discursivas que é, por

natureza plurissígnica. Assim, a semântica também ganha novas cintilações, novas reverberações de sentidos. As linguagens plurissígnicas exigem novos engajamentos em nossas atividades hemenêuticas. Isso porque, essas intensificações sígnicas convocam-nos a novas percepções. Afinal, as novas sensações sensoriais, sinestesicamente intensificadas, entram novamente na ordem do dia, reencenando as nossas vidas.

Será preciso assim que cada um se coloque prontamente para o acontecer poético. Que cada qual se abra para as intensidades do sentir. Quem sabe cada um se predispondo ao acontecer das fusões intensificadas de suas sensações sensoriais não estariam ajudando a compor uma sinfonia que convoque os sentidos para os novos modos do Ser?. As condições propícias a esse acontecimento estão aí, basta saber buscá-las. Afinal, como nos mostra esse feliz postulado de Muniz Sodré:

A diversidade dos modos de sentir e , ao mesmo tempo, a singularidade por vezes radical de cada experiência configurada fazem do sensível uma espécie de terrenos brumoso para a consciência do sujeito auto-reflexivo, porque o lança numa imediatez múltipla e fragmentada, onde os julgamentos tendem a ser mais estéticos que morais (SODRÉ, 2006, p. 11).

Essas estratégias apontam para novas perspectivas teóricas, para criativas abordagens em torno aos modelos de enunciação que circulam nos mais profusos meios; e que, sob diferentes linguagens, suportes, ou dispositivos tecnológicos, procuram fazer as representações de si e do mundo. A cultura midiaticizada exige, pois, novas interpretações, olhares estranhados sob novos prismas. Esses novos postulados certamente provocarão novas visadas do mundo e do nosso lugar nessa ciranda existencial. Isso por que podemos contar com novos aparatos psíquicos. Ou seja, novas percepções que permitam provocar a fusão de discursos que possibilitem a expressão dos afectos e dos perceptos dos quais nos encontramos tão distanciados. Mais do que nunca esse é um tempo de alvissaras. Um tempo privilegiado para que expressemos simbolicamente as nossas sensações frutificadas pela força da imaginação e da capacidade de sentir.

Portanto, será preciso mais que antes buscar aparatos para ressignificar as nossas existências. As interfaces midiáticas certamente constituem ferramentas ideais para essa primordial tarefa: reencontrar o sentido perdido da existência em detrimento da crueza dos simulacros de realidade. Afinal, devemos nos ater ao fato de que as dicotomias, trazem em seus bojos, tentam continuamente impor velhos preconceitos que impossibilitam frutíferas interpretações. Mais que nunca, torna-se necessário relativizar os conteúdos das mensagens. Deve-se levar em conta que, necessária e fundamentalmente, a forma deve expressar o

conteúdo e vice-versa. Quem não souber levar esse pressuposto em conta mais dificuldades terá para resistir, não se sujeitando às instâncias coercitivas do mundo. Fundamental será então compreender que a linguagem não expressa naturalmente o mundo, que as palavras estão separadas das coisas, que elas constroem a realidade.

Portanto, precisamos sempre colocar em perspectiva que na cultura midiaticizada o sensorial e o afetivo têm sido retomados entrando em cena como elementos essenciais na criação das estratégias mercadológicas. Estratégias que quando levadas a efeito pelas corporações de mídia e pelo mercado produtor de bens materiais e simbólicos ajudar a provocar o fascínio, as imaginações, os sonhos, os necessários desejos. Teoricamente, não estariam de volta ao jogo da vida em que as instâncias do poético hostilizando a pobreza do mundo real?

Ao promover as intensificações sinestésicas, através dos plurissígnos que as interfaces multimidiáticas disponibilizam podemos fazer num registro único aquilo que é essencial ao humano. Nessas fusões de sensações, impressões provenientes de dois ou mais sentidos, temos a abertura para novas reverberações do sentir. Quem sabe assim não estaríamos, no caminho do poético, dando ensejo a que seja enigmaticamente respondida esta questão que resposta alguma jamais contemplou: qual é o propósito da vida?

Sabemos que as estratégias de simbolização entram como uma pletores de signos e metáforas capazes de neutralizar a razão ao mesmo tempo em que são açuladas a sensibilidade e a emoção dramatizadas pelos novos dispositivos tecnológicos. Graças à magia de que se constitui a linguagem poética, vivificada em novas imagens, a cultura da interface dá prosseguimento à tarefa de continuar disseminando novos sentidos, novas necessidades, sensações, desejos...

É particularmente visível a urgência de uma outra posição interpretativa para o campo da comunicação, capaz de liberar o agir comunicacional das concepções que o limitam ao nível de interação entre forças puramente mecânicas e de abarcar a diversidade da natureza das trocas, em que se fazem presentes os signos representativos ou intelectuais, mas principalmente os poderosos dispositivos do afeto (SODRÉ, 2006, p. 12-13).

Nessas ponderações de Muniz Sodré, ao justificar a necessidade de se estabelecer abordagens teóricas acerca do apagamento do primado da razão instrumental face às estratégias que privilegiam a recuperação dos afetos na cultura contemporânea somos levados a considerar a latência da dualidade Apolo/Dioniso. Pois, Nietzsche entendeu que, a liberdade auferida faz com que o homem cultive a extremada angústia que enseja o desespero. Assim,

ele propõe uma alternativa inserida em novas configurações estéticas, considerando que os dois instintos agem impulsivamente, ao mesmo tempo em que estão em guerra, estão continuamente juntos, numa relação interdependente: “A evolução progressiva da arte resulta do duplo caráter de *espírito apolíneo* e do *espírito dionisíaco*, tal como a dualidade dos sexos gera a vida no meio de lutas que são perpétuas e por aproximações que são periódicas” (NIETZSCHE, Friedrich. S/D: 35).

Somos levados a compreender que o espírito artístico é comum às duas forças – apolíneas e dionisíacas – em perpétuo estado agonístico para que, “devido a um milagre metafísico da ‘vontade helênica’, os dois instintos se encontrem e se abracem para, num amplexo, gerarem a obra superior que será ao mesmo tempo apolínea e dionisíaca – a tragédia ática” (NIETZSCHE, Friedrich. S/D: 35).

Contemplamos assim uma proposta epistemológica que coloca toda carga semântica nas representações discursivas que provocam os apelos emocionais, poéticos, afetivos e míticos. Essas são estratégias emergentes que as interfaces discursivas provocam. Afinal, está em pleno processo a fusão da vida. Desta maneira, a info-tecnologia, colocando-nos frente aos novos desafios para compreender o espírito do nosso tempo. A liquidez das socialidades da vida midiaticizada nos convoca a novos estamentos, novas posturas frente aos devires que se interpõem em nosso cotidiano: pensar poeticamente as intensidades sinestésicas que permeiam a cultura midiaticizada.

### Referências:

- BAUMAN, Zigmunt. **Modernidade líquida**. Trad. Plínio Dentzein. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- JOHNSON, Steven, **Cultura da interface**: como o computador transforma nossa maneira de criar e comunicar. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: 34 Letras, 1997.
- MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos**: declínio do individualismo nas sociedades de massa. 4ª ed. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- NEGROPONTE, Nicholas. **A vida digital**. 2ª ed. Trad. Sergio Tellaroli. São Paulo: Cia das Letras, 1995
- NIETZSCHE, Friedrich. **A origem da tragédia**. 3ª. ed. Trad. Álvaro Ribeiro. Lisboa: Guimarães, s/d.

SODRÉ, Muniz. **As estratégias sensíveis**: afeto, mídia e política. Petrópolis/RJ: Vozes, 2006.

WILSON, Edmund. **O castelo de Axel** (estudo sobre a literatura imaginativa de 1870 a 1930). Trad. José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1993.